

Carta do Gestor / março 2024

Internacional

O primeiro trimestre deste ano terminou com a economia americana dando sinais de força, mas sem que a inflação retornasse aos patamares que permitissem imaginar que o corte das taxas de juros já está próximo. Os mercados internacionais tiveram comportamento ligeiramente positivo, mas no Brasil, com as incertezas principalmente em relação à questão fiscal, o comportamento foi inverso. As taxas de juros e o dólar subiram e a bolsa caiu.

Em relação à zona do Euro, a agência Eurostat divulgou que a inflação do consumidor caiu novamente. Desta vez a queda foi de 2,60% anualizada em fevereiro, para 2,40% em março, sendo que a redução dos preços da energia foi novamente o principal fator da desaceleração. Logo no início do mês, o Banco Central Europeu – BCE manteve as suas taxas de juro. As de refinanciamento, a principal, em 4,50%, a taxa sobre depósitos em 4,00% e a de empréstimos em 4,75% a.a.

Nos EUA, a taxa de inflação anual do consumidor acelerou pelo segundo mês consecutivo. De 3,20% anualizada em fevereiro, para 3,50% em março, sendo que os preços da energia, dos combustíveis e dos transportes foram os principais responsáveis pela alta. Por outro lado, o Departamento do Trabalho informou que no mês foram criadas 302 mil novas vagas de trabalho não rural, quando se esperava 200 mil. Já a taxa de desemprego caiu de 3,90% em fevereiro, para 3,80% em março. Reunidos no final do mês, os membros do banco central americano, decidiram manter novamente as taxas de juros no intervalo entre 5,25% e 5,50% a.a.

Em relação à China, com a inflação baixa e o bom desempenho do setor industrial, permanece a expectativa de que a atividade econômica se estabilize e possa atingir a meta de crescimento do PIB, fixada pelo governo em 5% em 2024.

No mercado de renda fixa, as taxas de juros dos títulos de dez anos do governo alemão, que iniciaram março em 2,41% a.a., encerraram o mês em 2,29% a.a., já os títulos de 10 anos do tesouro norte-americano, que no início do mês rendiam 4,18% a.a.,

atingiram 4,21% a.a. no final. Quanto a bolsa norte-americana, medida através do índice S&P 500, a valorização em março foi de 2,99%, acumulando alta de 10,04% no ano.



Brasil

Conforme o IBGE, a inflação do consumidor em março, medida através do IPCA, subiu 0,16% ficando abaixo das projeções do mercado. Foi a menor taxa para o mês de março desde 2020. No ano a inflação acumulada foi de 1,42% e de 3,93% nos últimos doze meses. Quanto ao mercado de trabalho, o IBGE também divulgou que no trimestre findo em fevereiro a taxa de desemprego se situava em 7,80%, com cerca de 8,50 milhões de pessoas sem trabalho. Em sua reunião no final de março, o Comitê de Política Monetária do Banco Central, o Copom, decidiu reduzir a taxa Selic pela sexta vez consecutiva, de 11,25% para 10,75% a.a. Caso não haja imprevistos, um novo corte de 0,50% deve ocorrer na próxima reunião.

Já no setor externo, a balança comercial do país, teve em março, superávit de US\$ 7,48 bilhões, acumulando em 2024 um resultado positivo de US\$ 19,07 bilhões. O dólar, por sua vez, apresentou valorização de 0,26% perante o real no mês acumulando uma desvalorização de 5,59% em doze meses.

Quanto ao mercado de ações, o índice Ibovespa recuou 0,71% em março, acumulando alta de 29,62% em doze meses. O fluxo de capital estrangeiro para a B3 foi novamente negativo elevando o saldo acumulado no ano para menos R\$ 24 bilhões.

Em relação ao mercado de crédito, de acordo com informação divulgada pela Serasa Experian, em fevereiro, a demanda das empresas por crédito, caiu 2,40% em relação ao mês anterior, acumulando uma alta de 1,0% no ano.

Perspectivas Cenário Macro

Já avançando pelo mês de abril, questões geopolíticas voltaram a ter um indesejável destaque. O inédito ataque do Irã a Israel, através de mísseis e drones elevou significativamente a temperatura na região, com o Secretário Geral das Nações Unidas – ONU alertando que o Oriente Médio está à beira do abismo. Da reação israelense dependerá não só a evolução do conflito, mas também o comportamento dos mercados, sobretudo os preços do petróleo, do ouro e do dólar internacionalmente.

Pelo lado da economia, com os dados macroeconômicos americanos mais robustos e agora com maiores tensões geopolíticas, o corte dos juros pelo FED é algo que pode ter ficado bem mais distante. Não basta que as novas ameaças à paz global não se concretizem, é preciso antes de tudo que a inflação do consumidor americano se aproxime e permaneça próxima a meta anual de 2%.

Para o Brasil, o agravamento das tensões internacionais ocorre em um momento em que as preocupações com a política fiscal permanecem, mas com a evolução da atividade econômica e da inflação diminuem. A melhoria dos fundamentos das empresas tem favorecido de forma importante o mercado de crédito privado. Segundo o banco BTG Pactual, deverá haver em 2024 crescimento do crédito corporativo, inclusive com um volume recorde na emissão de debentures. Espera-se que principalmente as pequenas e médias empresas devam apresentar um crescimento mais rápido.